

Entre o Passado e o Presente: a influência geracional nas perspectivas de futuro profissional dos jovens¹

Rosa Maria da Exaltação Coutrim
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Maria Amália de Almeida Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Cristina Ferreira Assis
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Vítor Corrêa Aleixo
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

Compreender expectativas e frustrações dos jovens é um desafio para as Ciências Sociais e a Educação. Tendo como principal objetivo conhecer como se dão as relações familiares e os reflexos das mesmas no universo escolar, propomos uma reflexão sobre a construção do diálogo entre três gerações, pais, avós e netos, no que diz respeito à compreensão do papel da escola na formação do jovem, bem como a expectativa de cada geração quanto ao futuro profissional do mesmo. Seguindo duas abordagens metodológicas, a quantitativa e a qualitativa, foram aplicados questionários a 149 estudantes do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas (de melhor e o pior qualidade segundo as avaliações externas subnacionais ou nacional) de Mariana e Belo Horizonte, Brasil, e foram entrevistados pais, avós, professores e diretores dessas escolas. Os resultados revelam, entre outras coisas, uma forte influência da família e dos amigos nas escolhas dos jovens, mesmo inseridos numa configuração social marcada pelas mais diversas matrizes de socialização.

Palavras-chave: Família. Escola. Juventude. Ensino Médio.

Between Past and Present: the influence of generational perspectives on the future of young people

Abstract

To understand expectations and frustrations of young people is a challenge for the Social Sciences and Education. Aiming to know how to occur the family relationships and its reflections in the school universe, we propose to think on the construction of a dialogue between three generations, parents, grandparents and grandchildren, with regard to understanding the role of schools in training the young as well as the expectation of each generation for the future professional of the same. Following two methodological approaches, quantitative and qualitative, in the research were applied questionnaires to 149 concluding high school students of two schools (the best and the worst quality on external evaluations subnational or national) Mariana and Belo Horizonte, Brazil, and were interviewed parents, grandparents, teachers and principals of these schools. The results reveal, among other things, a strong influence of family and friends in the choices of young people, even if inserted in a social setting marked by the most diverse matrices of socialization.

Key words: Family. School. Youth. High School.

¹Este artigo é uma versão ligeiramente modificada do trabalho “Gerações em Intercâmbio: o papel da família e da escola nas escolhas dos jovens” apresentado no XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino Americana de Sociologia, realizado de 6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE. Apoio: FAPEMIG

1 Introdução

Inserido na discussão sobre a natureza e a influência que os processos de socialização escolar e familiar têm sobre as perspectivas de futuro de jovens concluintes do Ensino Médio, este artigo tem como objetivo discutir a dinâmica que marca a experiência desses processos em três gerações: avós, filhos e netos. Para isso buscou-se desvendar, mesmo não dando conta da totalidade, como as influências das gerações anteriores repercutem na vida dos jovens para a construção de um patrimônio de disposições incorporadas (LAHIRE, 2005). Em um contexto familiar contemporâneo é possível observar a relação entre mais de duas gerações num mesmo domicílio e, ainda que estejam em residências distintas, o intercâmbio geracional se mantém sob forma de diálogo ou por conflitos entre pais, avós e netos no que diz respeito à formação dos jovens rumo ao mercado de trabalho e ao papel da escola nesse processo.

A partir de uma abordagem quali-quantitativa, foram aplicados questionários a 149 jovens concluintes do ensino médio em Belo Horizonte e Mariana. Para as entrevistas, foram selecionadas oito famílias com o objetivo de se compreender como pais e avós percebem a escola hoje em comparação com a época em que estudaram, bem como o papel desta instituição na vida do jovem atualmente. Os depoentes abordam assuntos diversos que contribuem substancialmente para a análise das relações que se estabelecem e se reconfiguram entre a instituição escolar e a familiar, com destaque: às melhorias da educação básica, à democratização do ensino superior, à formação moral do discente baseada na autonomia ou na lógica disciplinar, à escola dividida entre a transmissão curricular e/ou de reprodução de valores morais, à legitimação social da escola, às transformações no mercado de trabalho, às expectativas e investimentos materiais e simbólicos na escolarização e profissionalização do filho/neto.

2 Refletindo Sobre Gerações e Educação

O modelo educacional, no início do século XX, atentava para novas perspectivas e expectativas de formação de crianças e jovens e, com isso, a família tradicional adaptava-se de forma gradual às demandas oriundas de um novo modelo educacional e de uma juventude que se formava nesse contexto. Após a incorporação de saberes científicos em oposição aos saberes domésticos, a escola assumiu o papel de instância de poder. Com a expansão do Ensino Médio, no início da década de 90, a educação escolar passa a ter a finalidade de capacitar futuros profissionais para o mercado de trabalho cada vez mais diversificado e exigente. A educação consolidou-se como

dever do Estado e a família foi deixando de ser, gradualmente, a principal instância de educação e socialização. Foi considerada incapaz de educar, ficando essa tarefa para a escola, com professores dotados de saberes científicos.

Desse período em diante, pais, mães, avós e demais membros da família tornaram-se educadores coadjuvantes (MAGALDI, 2007). Esse processo levou a uma insatisfação dos pais com relação à escola e, em contrapartida, professores e especialistas na escola apontam inúmeros aspectos em que a família deixa de “cumprir seu papel”. Alguns teóricos, como Cunha (2000) e Singly (2007) entre outros expoentes da sociologia da educação, percebem este fenômeno como o surgimento de ‘famílias demissionárias’, isto é, a democratização ao acesso à educação formal permite perfis de família com baixo capital cultural, pouco mobilizadas escolarmente e que tendem a esperar tudo da escola, seja porque não possuem um *ethos* mais escolar e, como tal, mantêm uma relação de estranhamento com a cultura escolar, seja porque mantêm uma racionalidade mais instrumental com a instituição. Fatores determinantes, como as relações de poder intrafamiliares, desigualdade socioeconômica, diversidade cultural, entre outros, são frequentemente esquecidos quando se discute a relação família/escola. As transformações advindas de um novo modo de organizar a vida se refletem no modo com as famílias lidam com a escolarização dos filhos. Múltiplos fatores influenciam nessa relação entre pais, filhos e/ou demais membros da família:

(...) algumas dessas mudanças são facilmente reconhecidas, outras se dão de forma não imediatamente perceptível. O aumento da expectativa de vida (...) tende a redefinir novos equilíbrios nas relações intergeracionais. (...) A mudança central da inserção da mulher no mercado de trabalho, do controle da natalidade gestam novos papéis e novos arranjos familiares (...) as mudanças penetram as relações familiares e implicam em ganhos e custos emocionais e sociais (VITALE, 1994, p.97).

Tendo vivenciado, na maioria das vezes, a juventude nas décadas de 50, 60, 70 e 80, pais e avós de jovens concluintes do Ensino Médio tiveram experiências de vida marcadas por estruturas escolares e configurações de mercado de trabalho bastante distintos dos atuais. Além disso, é possível notar que as diferentes gerações sofreram e ainda sofrem a influência direta dos valores e da configuração familiar predominante em cada período particularmente, além da vinculação com seus ‘espaços sociais’, isto é, com sua posição em uma sociedade cada vez mais estratificada.

Ainda que os avós tenham participação efetiva enquanto encarregados de agregar valor econômico e emocional às famílias, estudos demonstram que, em meio às situações de carências (afetivas e materiais), o apoio intergeracional não implica, necessariamente, sucesso profissional e mobilidade social dos netos *a posteriori*, pois o contexto em que a família, as relações sociais, a escola, etc. estão inseridos é predominante na tomada de decisões do jovem. Nessa direção aponta

Nogueira ao afirmar que a relação entre família, escola e outros agentes de socialização possibilitaria, teoricamente, a formação integral do jovem,

Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e a da família (NOGUEIRA, 2005, p.573).

Concepção essa compartilhada com Bernard Lahire (op.cit.), de que as variações internas pertencentes a um mesmo grupo social são capazes de modificar a dinâmica funcional de cada família. Configuração social e econômica do local onde se vive, características dos filhos, escolaridade dos pais entre outras variáveis promovem uma diversidade que requer cautela ao se fazer análises sobre gerações (NOGUEIRA, ZAGO, ROMANELLI, 2003).

Mesmo que para a história recente brasileira o distanciamento entre essas duas instituições (família e escola) promova a demarcação de atribuições e responsabilidades, além de acusações mútuas, para pesquisadores da área a diminuição da qualidade do ensino não é um fator determinante para a promoção do sucesso escolar e para a relação família (compreendendo também as relações intergeracionais)/escola. Para se compreender melhor essa complexa questão é necessário considerar três instâncias que sofreram modificações radicais nas últimas quatro décadas: a família, a política e a escola (RICCI, 2003), sendo enfatizadas aqui questões relacionadas à família e à escola.

Embora os meios de comunicação ou mesmo alguns profissionais da área de infância e juventude enfatizem que a instituição familiar encontra-se em processo de desagregação ou de crise (LOSACCO, 2002), é preciso lembrar que as famílias não acabam, nem permanecem inalteradas no decorrer da história, mas sim se reconfiguram, com permanências e mudanças, conforme as transformações internas à vida social. Apesar das variações sofridas nas últimas décadas, as famílias ainda representam um porto seguro para os jovens, mesmo que precisem renovar constantemente suas representações ou que tenham que amenizar a contradição entre valores tradicionais e demandas morais contemporâneas. Dessa forma, em consonância com as reconfigurações de instâncias sociais, como a política, a ciência ou o mercado que se descentralizam e se desprendem de seus alicerces tradicionais, a família nuclear, enquanto instituição permeável às mudanças da sociedade, também se amplia e se diversifica no âmbito relacional e valorativo, estabelecendo novos esquemas de interação com a escola.

Assim, a articulação entre os agentes envolvidos nas dimensões organizativas e nos aspectos pedagógicos da escola podem proporcionar conquistas no campo do saber escolar. Para

tanto, são considerados nessa pesquisa, enquanto elementos subjetivos para a construção de uma escola de qualidade, esses agentes e essas instâncias sociais que fazem parte do processo educativo, pois, separadamente, família e escola não representam uma solução nem esclarecem a respeito da qualidade formativa dos estabelecimentos escolares. Nessa direção, aponta Camargo (2005), “características de gestão, juízos de valor ou o papel da comunidade sobre o trabalho desenvolvido na escola não são o bastante para se desenvolver o conceito de qualidade de educação” (CAMARGO et al. 2005, p.78).

3 A Pesquisa

Os resultados aqui apresentados são fruto de um projeto realizado por meio da combinação de uma metodologia quali-quantitativa. A seleção amostral se voltou para as escolas da rede pública das cidades mineiras de Belo Horizonte e Mariana, sendo que em cada um dos municípios foi escolhida uma escola de maior e outra de menor desempenho segundo as avaliações externas nacionais e subnacionais do SIMAVE-PROEB de 2007 – que avaliam as habilidades e competências das escolas públicas municipais e estaduais mineiras. A partir de questionários aplicados a 149 estudantes dessas quatro escolas – cujos dados foram tabulados no programa SPSS – foram elaborados quadros estatísticos representativos das dinâmicas sociais em questão que contribuíram para a análise das expectativas de futuro profissional, das relações intergeracionais dos membros parentais e da relação do grupo familiar com a escola. Os questionários foram aplicados a todos os alunos do último ano do Ensino Médio das escolas selecionadas nos períodos matutino e noturno (não foram encontradas turmas no vespertino), com exceção dos cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Não houve recorte etário ou de sexo.

A delimitação amostral das oito famílias entrevistadas se deu a partir da análise das respostas aos questionários, sendo orientada pelos seguintes critérios: maior proximidade entre as gerações (avós-pais-netos); percepção de maior conflito intergeracional em torno dos estudos; condição de trabalho do estudante. Contudo, ao longo da análise dos questionários a equipe percebeu que a maioria dos jovens não apontava conflito familiar por causa dos estudos. Assim, esse critério de seleção foi abolido. O objetivo das entrevistas com esses agentes pertencentes a temporalidades distintas, foi o de captar seus diferentes olhares tratando-se basicamente de um único viés: a formação do jovem e sua perspectiva de futuro ao sair do Ensino Médio. A abordagem qualitativa possibilita uma análise mais pontual e detalhada das relações intergeracionais, dos projetos profissionais, da vida doméstica e escolar das famílias entrevistadas. Enquanto a metodologia quantitativa contribui para a elucidação do conjunto mais amplo dos jovens que

compõem as escolas analisadas, cuja dinâmica socializadora contribui para a compreensão de suas relações com os âmbitos familiar, profissional e escolar.

O que os depoimentos apresentados nas entrevistas permitem entrever é que os valores em conflito se referem a duas instâncias familiares distintas: a família tradicional, nuclear e biparental, que se confronta com a emergência contemporânea do papel formativo deslocado para a família ampliada, muitas das vezes, monoparental. Os papéis outorgados tradicionalmente às figuras paternas e maternas se rarefazem com as novas demandas do mercado de trabalho, com as restrições de capital econômico e com uma dinâmica conjugal mais flexível. Dessa forma, a família extensa – constituída por avós, tios e primos – acaba dividindo a mesma casa, o mesmo lote da residência e a atuação no processo formativo do jovem.

Neste artigo estão sendo priorizados os dados coletados por meio das entrevistas, porém, julga-se relevante trazer alguns resultados que caracterizam a população jovem investigada. Eles declararam ter relações distintas com seus pais e avós no que diz respeito a suas vidas escolares. Os dados obtidos mostram que os pais se envolvem mais na educação dos filhos que os avós: 68,5% dos respondentes do questionário conversam com seus pais sobre suas escolas, já em relação aos avós, esse percentual cai para 20,8%. Mesmo relatando o estabelecimento do diálogo entre as gerações, pouquíssimos estudantes desejam ter a mesma profissão de seus pais ou de suas mães. Aliás, os depoimentos demonstram claramente que são os próprios pais os principais incentivadores para que os filhos façam escolhas profissionais destoantes das suas, sendo recorrente a ênfase em se optar por uma profissão mais promissora financeiramente e com mais prestígio social. Mesmo quando se trata de investimento na escolaridade dos filhos, a motivação se deve principalmente aos fins pragmáticos, relacionados a um melhor cargo ou salário, que um maior nível de formação pode trazer à vida profissional².

Do mesmo modo, os pais contribuem mais para os estudos dos jovens que os avós, enquanto 44,3% dos pais auxiliam, de alguma maneira, os estudos dos filhos, apenas 9,4% dos avós prestam algum tipo de ajuda à vida escolar dos netos. Aspectos geracionais como experiências escolares e profissionais distintas entre as gerações, além da média de anos de escolaridade dos avós

2

Não foi investigado o nível socioeconômico das famílias, porém, quanto à escolaridade dos pais temos: quando se trata do grupo com até nove anos de estudos, percebe-se que a escolaridade do pai e da mãe apresentam percentuais próximos, com maior representação dos homens. Quase a metade dos pais (49,0%) e das mães (43,0%) tem até o ensino fundamental completo. Essa relação entre os sexos se inverte quando é analisado o grupo com onze anos de escolaridade, 21,5% dos pais e 27,5% das mães possuem ensino médio completo. Essa relação se mantém quando se observa o grupo com curso universitário completo ou mais. 8,8% dos pais alcançaram esse nível de escolaridade contra 12,1% das mães. Embora esse dado seja significativo, pois mostra que a mulher tem investido nos estudos, ressalta-se que o percentual dos universitários é bem menor, comparado àqueles que possuem até o ensino fundamental completo.

ser menor do que a dos pais, sugerem algumas das influências que afastam os avós das práticas escolares dos netos. Entretanto, esse dado comprova apenas que o capital escolar dos avós se mostra insuficiente ou anacrônico para dar uma orientação satisfatória nas lições de casa ou nos estudos para avaliações. O que não indica a ausência completa deles na vida escolar do neto, sua atuação se dá no que Bernard Lahire (2004, p.336) avalia como participação nos ‘costumes escolares’ – como festas, reuniões, entregas de boletins e eventos comunitários dentro do espaço escolar – portanto, são esses mesmos avós que substituem os pais e mães que, muitas vezes, por causa da vida profissional, não podem participar desses eventos.

Quando o assunto se refere às expectativas de inserção no mercado de trabalho, os dados apontam para uma insatisfação por parte dos atuais estudantes do 3º ano do Ensino Médio. 39,6% deles consideram “regular” o mercado de trabalho para o jovem que concluiu recentemente o Ensino Médio. É interessante observar que uma parcela significativa dos entrevistados deseja continuar os estudos após o Ensino Médio, seja por meio de algum curso técnico ou da preparação para o vestibular e/ou para concursos públicos. Esses dados são bastante representativos da percepção de que a escola básica é insuficiente para se conseguir um bom emprego. Longe de ser o fim da trajetória escolar dos jovens de hoje, a educação básica tornou-se apenas um meio pelo qual todos devem passar (e, de preferência, ultrapassar).

4 O Que nos Dizem os Avós e os Pais

Filho vir da escola
Problema maior, estudar
Que é pra não ter meu trabalho
E vida de gente levar
(Canção do Sal – Milton Nascimento)

Conforme mencionado anteriormente, neste artigo nos detivemos nos achados dos depoimentos dos pais e avós. É importante ressaltar que não houve nenhum depoimento de avô, porém, como vários pais e mães se referiram a essa figura, decidiu-se por manter o termo “os avós”. A escolha se deve ao fato de que os avós também são figuras presentes na formação dos netos, mas em uma dimensão mais pragmática, como na contribuição na renda domiciliar e na convivência cotidiana (COUTRIM, 2010). Enquanto as questões educacionais e disciplinares são conferidas às avós ou às mães que apresentam maior envolvimento na rotina escolar, participando de reuniões, acompanhando os estudos na esfera doméstica e dialogando a respeito do futuro profissional. Essa tendência que confere às famílias uma centralidade da mãe/avó no processo formativo das crianças

pode ser explicada pelo conceito de “maternidade intensiva”³, que compreende o quanto que o cuidado com a educação escolar é um papel eminentemente feminino. Portanto, não foi por mero acaso que a totalidade da amostra de entrevistados, relativa à geração dos avós, foi feminina, isso ocorreu devido ao fato das avós participarem mais do que os avôs na vida escolar dos netos. A efetividade da “maternidade intensiva” nas famílias entrevistadas também é confirmada ao se tratar da geração dos pais, cuja maioria das entrevistas se deu com as mães por se apresentarem mais afinadas ao processo educativo dos filhos.

Em suas falas, os depoentes demonstram que acreditam na melhora na qualidade da escola nas últimas décadas, principalmente no que diz respeito à sua infraestrutura. É interessante notar como as políticas de distribuição gratuita de livros didáticos são vistas como facilitadores para o bom desempenho escolar. Na grande maioria dos depoimentos há a percepção de que está mais democrático o acesso à educação básica, bem como ao ensino superior, seja por meio do PROUNI ou do incremento do número de vagas nas universidades públicas.

Nossa mudou demais, a escola de antigamente não tinha nada, não é igual agora, evoluiu muito a escola! Tinha um livro, você tinha que ler aquela cartilha, aquela cartilha de matemática, sabe? Igual hoje, não é! Antigamente era péssimo, o tanto que a gente não aprendia, não conseguia, não tinha um para casa, não tinha isso não. O que você estudava era lá, a única coisa que você estudava que tinha hoje é a tal de ginástica. Isso aí tinha, matava a gente, tinha que abrir perna, levantar perna, levantar braço – isso tinha. O resto não tinha mais nada. Não tinha uma merenda, ou levava (de casa) ou não merendava... Nossa, eu acho que (hoje) melhorou demais! Tem a merenda hoje em dia, tem os livros, não tinha isso quando eu estudei. Para comprar uma cartilhazinha que a gente estudava era aquele sacrifício. Eram aqueles cadernos com a capinha toda preta, era difícil você comprar um caderninho. Tinha o quadro negro. Se você aprendesse lá, você aprendia, quem interessava, tinha a idéia boa, aprendia, quem não aprendia ficava por isso mesmo (Dona Helena, avó de L., Escola de Belo Horizonte).

Pra mim em tudo, mas eu acho que melhorou e muito, eu acho que hoje tem mais recursos porque antes, naquele tempo, você ia pro Fundamental ou até mesmo Médio, você tinha que comprar os livros para estudar ou tirar o xerox. Hoje não, hoje o governo fornece os livros, quando vai pra faculdade já tem o PROUNI. Então, eu acho que facilitou demais, no tempo que eu estudava pra fazer faculdade era só quem tinha dinheiro, pobre nem pensar (Márcia, mãe de R., Escola de Belo Horizonte).

3

A respeito do conceito de Maternidade Intensiva, consultar Hays (1996). Um trabalho mais recente que também aborda esse tema pode ser encontrado em Duarte (2009).

Nota-se que o fornecimento de merenda escolar é apontada por avós, tanto do interior quanto da capital, como um ponto positivo na escola de hoje. Nos depoimentos colhidos em Mariana houve menção a dois aspectos de melhoria do ensino que não foram citados nas entrevistas de Belo Horizonte: o transporte escolar e o aumento do nível de formação dos professores. Os excertos abaixo atestam a satisfação de duas avós do interior ao comentarem que hoje os netos não precisam ir a pé à escola e têm professores mais qualificados e em maior número.

Os meninos hoje têm um ensino melhor, não é, A.?! As professoras mais formadas. (Entrevistador: “Antes não era?!”)... Era uns professores assim... Sabia ler e escrever era mestre dos meninos, por que não tinha formatura não, tinha que andar longe pra estudar. Os meninos tinham que ir a pé, agora tem condução que vai nas portas buscar os netos. Muito diferente, não tinha uma merenda escolar, não tinha nada não (Maria Leite, avó de E., Escola de Mariana).

Um ponto foi apontado pelos pais e avós como negativo nas escolas atualmente, a disciplina. Tanto depoentes de Belo Horizonte quanto de Mariana afirmam que falta controle do comportamento dos alunos por parte da escola e, principalmente, dos professores.

Ah! (a escola) está com muita diferença porque no meu tempo a gente tinha que andar quase três horas de pé pra ir pra escola, hoje [os meios de transporte buscam] os alunos na porta [de casa]... Tem muita diferença, não é?! E eu escutei ela falando também... Não tinha moleza não. Hoje menino chega na escola e faz o que quer, eles querem mandar nas professoras e no meu tempo não tinha disso não, professor falava cessava tudo. Os alunos hoje não respeitam professora. Tem muita diferença (José Raimundo, pai de Ju., Escola de Mariana).

Ainda no que diz respeito ao comportamento das crianças e jovens, a grande maioria dos depoimentos deixam transparecer uma nostalgia de um tempo em que os filhos se submetiam à autoridade dos mais velhos. Nesse ponto não há uma diferença significativa entre os discursos dos pais e dos avós, porém, percebe-se um conflito dos pais no processo educativo de seus filhos, já que estes parecem oscilar entre o que aprenderam com seus pais e a educação “pelo diálogo”, pregado pelos especialistas e pela legislação na sociedade contemporânea. Segundo os entrevistados, hoje os filhos já não têm respeito e obediência aos mais velhos. Situação que se torna mais difícil quando se leva em conta a ingerência do Estado na vida familiar. Isso confere a sensação de impotência dos pais e avós na criação dos filhos e netos. Como mostram os trechos abaixo, o Conselho Tutelar e as leis são vistos como empecilhos ao processo de educação dos jovens.

Antigamente a educação, quando sua mãe, seu pai falavam você tremia de medo, você não fazia mais. Bom, esse problema eu não tenho com ela. Mas eu acho que a educação hoje, os pais falam, os filhos não obedecem. Não pode ser mais severo com os filhos, porque o Conselho Tutelar já entrou no meio (Dona Helena, avó de L., Escola de Belo Horizonte).

Não é que a escola piorou, na verdade, hoje em dia, você tem que saber o que fala com um aluno, tudo mudou, é um contexto. A educação dos pais com os filhos mudou muito também, porque antigamente, quando eu era criança eu ganhei umas palmadas, minha mãe me colocou de castigo, tudo isso acontecia. Hoje em dia, você não pode fazer nada, eu estava vendo uma reportagem há um tempo atrás que tinha umas crianças lavando uns pratos, “mas criança não pode ser submetida a trabalho doméstico”. Aí é a questão das leis, eu acho que muitas leis chegaram para atrapalhar, não para ajudar, está ajudando quem? Se os pais não podem corrigir, não podem pedir ajuda dos filhos dentro de casa, então, vão deixar eles ociosos, e cabeça vazia é moradia de que? De coisa errada (Maria das Graças, mãe de Lo., Escola de Belo Horizonte).

A mãe de Lo., no depoimento acima, não só demonstra consciência de que existe um perfil de “mãe de hoje, moderna”, como tenta ser uma delas. Todavia, ao constatar o fracasso de sua tentativa, retorna aos métodos de outrora.

Mas aí eu cheguei pra ele e falei que “eu estou tentando ser uma mãe de hoje, moderna, mas se não está resolvendo, vamos fazer o seguinte, vamos voltar ao passado, naquela época, a gente podia corrigir os filhos, pôr de castigo”. Não precisa bater não, eu sou contra bater, mas aquele dia eu estava nervosa já. Eu bati com papel também, com papel enrolado (Maria das Graças, mãe de Lo., Escola de Belo Horizonte).

É importante destacar que os pais também se preocupam em ser “modernos” ao se propor a estabelecer o diálogo com os jovens no processo de escolha profissional, aparentando muito respeito pelas escolhas profissionais dos filhos. Longe de querer impor-lhes algum caminho a ser seguido, eles procuram apoiar e garantir oportunidades para que os jovens atinjam seus próprios objetivos. Quando questionados sobre se influenciam na escolha profissional dos filhos as respostas não destoaram:

Não, eu acho que não. Eu deixo mais com eles, eu quero que eles façam o que eles gostam. Aí quando eles falam, eu apoio, se eles mudarem de idéia, eu apoio também. Você tem certeza, é isso mesmo que você quer? Aí eu apoio, eu acho que eles têm que fazer o que eles gostam (Márcia, mãe de R., Escola de Belo Horizonte).

Aí eu acho que não. Eu não dou palpite não, eu só apoio. Igual meu menino falou que quer ir pra aeronáutica, se precisar de ir lá, de levar, qualquer coisa, o que precisar pagar, eu vou trabalhar, curso e tal. A Lo. é a mesma

coisa, se ela tiver que sair do SENAC agora, porque vence em setembro, para fazer um pré-vestibular, uma coisa assim, “se você saí, eu vou pagar um pré-vestibular (Maria das Graças, mãe de Lo., Escola de Belo Horizonte).

Ah, por que aí a escolha tem que ser deles não é?! Por que... tem uma lá que fala que quer estudar e quer ser professora, e é a vontade dela. Tenho que respeitar a vontade dela (José Raimundo, pai de Ju., Escola de Mariana).

Apesar de tentarem não interferir nas escolhas dos filhos, os familiares não veem com bons olhos o possível desejo dos mais jovens de seguir a profissão do pai, da mãe ou dos avós. Ao serem indagados se gostariam que os filhos e netos seguissem suas profissões, todos os pais e avós entrevistados manifestaram-se negativamente, sem o menor grau de hesitação. Resposta que parece estar relacionada ao desejo dos familiares de que os jovens possam “ir mais longe” também expresso nas entrevistas, através, por exemplo, da conquista de uma “boa profissão”. No interior, essa vontade manifesta-se ainda com mais intensidade, provavelmente porque o trabalho dos pais e avós, em sua maioria provenientes da zona rural, foi penoso. Porém, mesmo na capital, não foi registrado nenhuma manifestação de apoio a essa eventual escolha do jovem.

De jeito nenhum, minha profissão não tem valor não. Até que antes eu trabalhava na roça, mas agora que eu estou trabalhando aqui em Mariana que eu estou trabalhando de pedreiro pra ganhar o que?! Quarenta, cinquenta reais. Eu tenho um filho, o mais velho que... Até que ele tem vontade de aprender, mas eu não importo muito dele aprender não, por que... Tem que arrumar um serviço melhor, ué... Trabalhar em rua? Vale apenas não, ué (José Raimundo, pai de Ju., Escola de Mariana).

A profissão deles tem que ser melhor que a minha por que a minha não foi fácil não. A vida dos velhos não foi... Agora tem muito jeito de viver mais fácil, vai depender deles estudar, de ter boa vontade, ter mais condição de estudar, por que a vida nossa não foi fácil não. Não achava facilidade de estudo com a qualidade que tem agora não... (Desejo) uma profissão melhor, não é?! Por que profissão de roça não é boa não. Eles têm que procurar um jeito, não é?! Seja um motorista... Por que a gente interessa mais que eles tenham uma profissão melhor do que a que nós tivemos. Por que agora está tendo muita qualidade de estudar, basta a boa vontade dos netos (Maria Leite, avó de E., Escola de Mariana).

Observa-se, pelas entrevistas coligidas, que as gerações de pais e avós trabalham juntas, porém, de modos distintos, a fim de garantir o suporte necessário aos jovens no seu processo de escolarização. A família se mobiliza, dentro de suas possibilidades, para que o conteúdo escolar e os valores morais sejam incorporados pelos descendentes. A educação é vista como o único meio de ascensão social e os valores são interpretados como a base para a construção de uma “pessoa de

bem”. No caso do depoimento da avó de L. esses valores morais também são conseguidos mediante a participação na igreja.

(...) pergunto, aconselho muito, “não estuda muito”, “olha com quem você anda” – sabe, tudo eu falo com ela. Quando chego na porta, muitos eu vejo fumando na porta, eu já falo, “cuidado, L., se te oferecer cigarro você não entra nessa”. Tudo eu falo com ela, “não fica com muita amizade com menino”, né L? (Dona Helena, avó de L., Escola de Belo Horizonte).

A neta responde

Eu vou à Igreja buscar a palavra de Deus... me orienta a ser mais correta, a não mexer com coisa errada, com bebida, com droga (L., aluna de uma Escola de Belo Horizonte).

Percebe-se nas falas da avó e da neta, bem como em outros depoimentos, uma prática cultural direcionada para a incorporação do *habitus* escolar e para a formação ético-moral dos jovens (que atuam como complementares), elementos altamente valorizados na sociedade contemporânea. Tal prática cultural se constitui do comportamento exercido no dia a dia, que explicita um “modo de se fazer”, transmitido de geração em geração e que confere um sentido ao grupo. Segundo Setton “... as práticas de cultura podem se enquadrar nas ações mais prosaicas como, por exemplo, as maneiras de se alimentar, de se vestir ou arrumar o interior das casas... Lembra-se também toda sorte de ações, ora conscientes ora inconscientes, que se expressa em um movimento corporal quase instintivo, o andar, o sentar, o falar...” (2010, p.21).

É possível observar que a escassez de tempo é o maior obstáculo apontado pelas famílias para que se estabeleçam diálogos mais frequentes sobre a escola. Barreira que pode ser contornada com a ajuda dos avós. Quando, por exemplo, a mãe de R. precisava trabalhar e lhe faltava tempo para ir à escola, era sua mãe, avó de R., quem comparecia às reuniões para se inteirar dos assuntos escolares dos netos.

Nos casos em que as três gerações convivem sob o mesmo teto, é comum que tanto os pais quanto os avós dêem sugestões e conversem sobre a escola com os jovens. É importante ressaltar, no entanto, que essas conversas são bem abrangentes e nunca dizem respeito a um aspecto específico da vida escolar do estudante. Característica que talvez seja decorrente do baixo nível de escolaridade dos avós e pais. As cobranças dizem respeito, na maioria das vezes, à frequência, às notas e ao “para casa”.

Já o caso da aluna J. de Belo Horizonte a realidade socioeducacional se distingue, pois ir morar com a avó e as duas tias maternas se deveu a necessidades materiais não supridas por seus

pais, que carecem de recursos financeiros para possibilitarem à filha condições de concluir o Ensino Médio simultaneamente ao curso de atendente de telemarketing. Com sua mudança para a casa da avó, foi possível que se dedicasse ao curso profissionalizante e encontrou incentivo não apenas a entrar no mercado de trabalho, mas também a investir em sua escolarização, em decorrência do diálogo contínuo com a tia professora de história. Essa “tia professora” seria para J. quem viria a cumprir o papel negligenciado por sua mãe, condição que foi explicitada durante a entrevista com exemplos claros do laço maternal entre tia e sobrinha, enquanto a avó permaneceria como a pedra angular da família, aquela que é respeitada e que aglutina os demais parentes. Conforme as palavras da tia de J., sua sobrinha estava “flutuando no ar com relação à vida dela”, tendo a casa da avó representado um proeminente elemento motivacional na escolarização da neta, seja pelo incentivo contínuo à formação escolar, seja pela proximidade da residência com uma das escolas de maior qualidade na rede pública belo-horizontina.

Meus conselhos influenciam sim (nas escolhas profissionais de J.), porque ela estava em dúvida quando começou o período escolar, não sabia se ela estudava, se ela trabalhava – o que ela iria fazer da vida – onde ela queria ficar (casa da avó ou dos pais)... Então, a gente sentando e conversando com ela, além de mim, eu e minhas duas irmãs que moram aqui, a mãe dela não mexeu em nada disso. Eu percebi e muito que ela estava flutuando no ar com relação à vida dela, aí a gente foi conversando, e ela ficou com muito medo de trabalhar fora. Então eu falei “faça o curso de telemarketing, não custa nada, já vai ser alguma coisa a mais no seu currículo”. Depois que ela terminou o curso eu senti ela mais segura, ela agora virou pra mim e disse que “depois de fazer a prova do supletivo eu vou começar a estudar, a enfocar pro ENEM”. E era uma coisa que no princípio ela não falava (quando ela mudou para a casa da avó ela não falava sobre dar continuidade em sua escolarização), eu é que insisti para ela fazer a inscrição para o ENEM, antes para ela “tanto faz como tanto fez”... (Denise, tia de J., Escola de Belo Horizonte).

Finalmente, pode-se perceber que os estímulos aos jovens por parte dos pais e avós são movidos pelos desejos que ambos sustentam de que os filhos e netos consigam “ir mais longe na vida”. Em suas falas, pais e avós mostram-se sempre preocupados em proporcionar aos jovens as oportunidades que não tiveram.

Na verdade, meu pai até hoje fala (sobre a escola com os netos). Ele não teve oportunidade de estudar, ele era o mais velho dos irmãos e teve que ajudar a criar família com nove anos, porque quando perdeu o pai, a mãe era doente. Então, ele vive falando com meus filhos para estudarem. Ele fala se está indo para escola mesmo, se está estudando, porque vai fazer falta... Porque tem que estudar... Ele (pai de Lo.) cobra muito. Até que nota ele não olha muito, mas ele cobra muito. Ele já pegou nota na escola várias vezes,

mas ultimamente ele não tem tempo... Às vezes o (apoio) financeiro não é tudo, né? Porque eu conheço pessoas bem pobres que tiveram sucesso muito grande, então, financeiro não é tudo. Eu acho que é preciso conversar muito, chegar, apoiar, mostrar, ouvir também, a gente tem que ouvir também, porque às vezes a gente quer aquilo, mas a gente não escuta o que eles têm pra falar, as opiniões deles são diferentes das nossas, a gente tem que saber ouvir, principalmente, ouvir. Porque não adianta chegar, eu vou pagar isso e isso, ele não está interessado no seu dinheiro, às vezes, ele está interessado em trabalhar e pagar a partir daquilo, mas ele está interessado simplesmente na sua atenção. Às vezes, você para dez minutinhos e é muito mais importante, muito mais interessante que abrir a carteira e..., não, não é assim, eu escuto muito (Maria das Graças, mãe de Lo., Escola de Belo Horizonte)

Não (conversamos sobre estudo) muito, até porque a gente não tem muito tempo. Eu trabalho o dia todo e eles também. Mas eu sempre falo, eu sempre oriento para poderem estudar, para manterem as notas, para conseguirem as notas deles desde o começo, para ficarem mais tranquilos. Mas a gente não tem tanto tempo para conversar, infelizmente.... E meu pai que está lá, meu pai também sempre me ajudou, só que homem é um pouquinho diferente. Às vezes tem gente que fala que avó estraga os netos. Eu não acho, eu acho que foi muito bom e queria que minha mãe estivesse aqui para, entre aspas, estragar... [a mãe da informante havia falecido alguns meses antes]. Na época em que eu comecei a trabalhar, quem ia às reuniões para mim era ela, e ela tinha o maior orgulho de chegar lá e falar “eu sou a avó”. Ela me ajudou demais... Em casa a gente pensa assim, se a gente pudesse, eles não iam trabalhar não, iam só estudar, iam fazer um cursinho de inglês. Mas como a gente não pode, a gente não tem condições para isso, a gente quer que eles estudem pra terem uma coisa melhor que eu, que o pai deles, para quando eles tiverem filhos darem o melhor pra eles (Márcia, mãe de R., Escola de Belo Horizonte).

O comentário da avó de Ju., revela um aspecto interessante dos diferentes tipos de envolvimento de cada geração na vida escolar dos jovens. Neste caso, especificamente, a participação da avó, incapaz de sanar as dúvidas acadêmicas da neta, se restringe a cobrar resultados e a dar conselhos. A mãe, por outro lado, poderia ajudar a filha de outras maneiras, explicando a tarefa de casa, por exemplo.

Sei que eu converso muito com eles em matéria de estudo, só não tenho explicação pra dar, mas perguntar se está fazendo as coisas certas eu pergunto. Explicação pra dar... Aí é como se diz... Se chegar perto de mim com algum dever precisando de explicação aí fica pra mãe, por que não tem... Não sei como é que explica, só oriento (Teresinha, avó de Ju., Escola de Mariana).

É consensual, entre as duas gerações mais velhas, o fato de que nos dias que correm é mais fácil conseguir um emprego devido ao excesso de vagas oferecidas pelo mercado. É interessantíssimo notar a semelhança entre os dois discursos abaixo. Tanto a mãe de Lo. quanto a mãe de R. desconsideram a importância da escola em suas vidas profissionais. Segundo elas, mais valeram a prática e a experiência obtidas com os diversos ofícios que exerceram que o conteúdo escolar que aprenderam. Visão que parece atribuir menos à escola que ao mercado a função de preparar e inserir os jovens em uma profissão. Nesse sentido, seus filhos terão facilidade para conseguir um trabalho não apenas por causa da educação formal que alcançaram, mas principalmente pelas diversas possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho.

Não, não preparou não (para a vida profissional). Na época a gente estava aprendendo, é diferente, depois que eu saí desse local que eu aprendi e que eu fiquei muito tempo, eu saí em um dia e no outro eu já estava empregada em outro, minha vida inteira foi assim. Aí eu parei de trabalhar uma época de carteira assinada, porque foi quando eu tive meus filhos, eu fiquei dezesseis anos sem trabalhar de carteira assinada, trabalhando por minha conta. Aí eu resolvi voltar há três anos, quando minha mãe faleceu. Mas assim, todo lugar que eu vou, eu faço o teste, porque conta muito é experiência, no meu ramo o que conta é experiência. (Para os filhos) Não, não vai ser assim do jeito que a gente sonha com um serviço melhor, mais leve, não vai ser isso, igual no caso desse menino mais velho, mas ele é até animado, ele não liga pro serviço que vai fazer, ele gosta de trabalhar, sabe? Mas eu acredito que há um tempo atrás estava difícil, mas hoje em dia as oportunidades estão muito boas. Então, assim, não importa o que vai fazer... (Maria das Graças, mãe de Lo., Escola de Belo Horizonte).

(a escola não ajudou) Foi a prática mesmo. Como eu te falei, eu fiz o primeiro ano, aí eu parei de estudar muito tempo atrás, muito tempo atrás. Foi mesmo uma oportunidade que eu tive na empresa, foi a empresa que me deu a oportunidade... Eu acho (que os filhos têm mais oportunidades), que apesar das pessoas reclamam do desemprego, hoje eu acho que tem muito mais. A escola, os cursos hoje oferecidos ajudam muito, ainda mais esses jovens e esses adolescentes de hoje vão trabalhar como aprendiz, e de lá é um passo para ele arrumar emprego quando estiver maior de idade. É muito mais fácil... (Márcia, mãe de R., Escola de Belo Horizonte).

Observa-se com esses depoimentos uma cooperação intergeracional para manter a educação das crianças e dos jovens. Mesmo quando os avós estão mais distantes, o diálogo se volta para os valores e os estudos. Isso demonstra que as famílias utilizam os recursos disponíveis para estimular as gerações mais novas estudando.

Percebem a realidade atual como mais propícia ao desenvolvimento intelectual e à realização profissional e, por isso, utilizam-se do discurso, dos exemplos e, por que não, dos

castigos e palmadas, para persuadir os mais jovens a se manterem na escola e perseguirem seus sonhos de ascensão social. Nota-se que o recurso aos castigos físicos, embora não tão frequentes, associa-se mais diretamente a um tipo de controle parental mais facilmente observado entre as classes populares. Estas reconhecem o discurso da mídia e dos especialistas a respeito das estratégias de educação “modernas” e valorizadas pela escola, porém, recorrem aos meios tradicionais quando o discurso já não se mostra eficaz para o alcance dos objetivos. São as práticas culturais mencionadas anteriormente, que acabam por reproduzir um comportamento socialmente construído de forma consciente ou não.

As famílias utilizam os recursos de que dispõem para estabelecer uma linearidade no processo de escolarização dos filhos e os jovens percebem isso. Nessa pesquisa ficou evidente a importância dada à família pelos jovens na escolha profissional, embora amigos(as), colegas de sala, namorados(as), professores e vizinhos também apareçam como personagens importantes em suas vidas quando se trata de escolhas para o futuro. Conforme os dados analisados nos 149 questionários, 64% dos jovens afirmaram que os pais eram as pessoas mais influentes em sua escolha profissional, enquanto 38% informaram que eram os amigos. Por outro lado, nos surpreende a pequena participação dos professores nestas escolhas, com apenas 15% das respostas, menor até mesmo que a participação de tios, primos e demais familiares com 17%. A participação dos avós também é pouco representativa, mas isso pode ser explicado pelo insuficiente capital cultural decorrente da baixa escolaridade predominante nessa faixa etária.

Esses dados permitem destacar dois fatores fundamentais para que certos atores influenciem de forma mais significativa na escolha profissional dos jovens, a existência de fortes laços sociais e de um considerável capital cultural. Além disso, a preocupação dos pais quanto ao futuro profissional dos filhos também ficou clara quando os jovens foram questionados se eles conversam com os pais sobre tal assunto. 81,2% afirmaram que mantém diálogo com os pais sobre tais questões, porém, em se tratando do diálogo sobre “a escola e a vida escolar”, o percentual cai para 68,5. Essa queda pode ser compreendida pelo sentido mais pragmático que a pergunta referente a “futuro profissional” traz em sua elaboração, permitindo aos depoentes respostas que enfatizam o ingresso imediato no mercado de trabalho e que não necessariamente estão associadas à escolarização. Enquanto que a pergunta concernente “à escola e à vida escolar” se refere a um aspecto mais específico e particular, já que envolve os valores e práticas familiares relativos à educação e aos investimentos no Ensino Superior ou em cursos de capacitação, técnicos e profissionalizantes.

5 Concluindo

Apesar dos desafios metodológicos e teóricos próprios de uma pesquisa que abrange diferentes grupos de sujeitos como profissionais da educação, discentes, pais e avós, os dados ora apresentados permitiram que se avançasse no âmbito analítico das relações família-escola. Certos elementos da vida prática que constituem a configuração socioeducacional contemporânea ganham relevo na pesquisa, com destaque às dissonâncias e incongruências entre o discurso e os valores expressos em relação ao ambiente escolar e à escolarização pelos profissionais da educação e pelos familiares (pais e avós).

Como já foi explanado acima, um dos fatores mais conflituosos na relação família-escola diz respeito às contradições de ordem moral advindas de demandas específicas de tais instituições sociais. O material simbólico que emerge nos questionários e nas entrevistas apresenta uma escola que preza pela autonomia e que repugna uma lógica disciplinar autoritária, porém que é capaz de gerir os limites disciplinares de docentes e discentes. “Uma parte das famílias das classes populares pode outorgar uma grande importância ao ‘bom comportamento’ e ao respeito à autoridade do professor” (LAHIRE, 2004, p.25). No entanto, essa lógica disciplinar que recorre à violência, ao autoritarismo e à vigilância estrita na formação da criança, apesar de ser característica das famílias de renda mais baixa, não seria uma regra nem inviabilizaria a coexistência com elementos disciplinares que valoram a autonomia.

É importante lembrar ainda, como afirma Setton (2005, p.82), que a concepção de “transmissão”, comumente usada ao se tratar dos valores conferidos à família, não elucida os processos de apropriação e reprodução nos indivíduos. Compartilhando da mesma tese com Lahire, é possível perceber que há uma série de fatores como as disposições econômicas, a ordem doméstica, a autoridade familiar e ainda as formas de investimento pedagógico que não só alteram como também constituem a configuração familiar.

Outro aspecto que apresenta a desarmonia de sentido e valor atribuído à vida escolar se refere aos fins práticos que representantes familiares atribuem ao papel da escola, como a formação moral, a preparação para o mercado de trabalho ou para cursos seletivos para o Ensino Superior. O que se observa no material trabalhado até o momento é que não há consenso sobre nenhuma das atribuições dirigidas à instituição escolar, não só entre família-escola, as desarmonias discursivas e valorativas permanecem mesmo entre os profissionais da educação entrevistados ou entre famílias com traços culturais e econômicos similares. Mesmo as avaliações sobre melhorias da educação brasileira nas últimas décadas não são consenso. As famílias entrevistadas destacam as

características positivas relacionadas à infraestrutura, à democratização do ensino e à oferta de material didático, elementos que não estavam presentes na trajetória de escolarização da maioria dos pais e da totalidade dos avós entrevistados.

Em síntese, enquanto no passado a formação profissional estava relacionada à prática do trabalho, ao saber fazer e não tanto ao nível de escolaridade, as gerações atuais estão sujeitas a novas exigências da escola e do mercado, enquanto reflexo da sociedade. Assim, pressionados pelas demandas atuais de educação e inserção no mercado de trabalho, os jovens recorrem às gerações anteriores, que a partir de sua experiência e história de vida apresentam uma “leitura do presente” e oferecem elementos mínimos para as tomadas de decisões. Tais elementos, combinados com aqueles oferecidos por membros do mesmo grupo geracional representados pelos amigos (virtuais ou não), namorados(as), colegas de turma, etc. constituem-se na grande rede informacional que subsidiará suas decisões, sempre tão difíceis de serem tomadas quando se tem 18 anos.

6 Referências

CAMARGO, Rubens et al. A qualidade na educação escolar: dimensões e indicadores em construção. In: FARENZA, N. et al. *Custos e condições da educação em escolas públicas: aportes de estudos regionais*. Brasília: INEP, MEC, 2005.

COUTRIM, Rosa M.E. Entre gênero e gerações: a fala de crianças educadas por avós e avôs. In: SOUZA, Márcio F. (Org.). *Desigualdade de gêneros no Brasil: novas idéias e práticas antigas*. 1. ed. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010, v. 1. p. 287-299.

CUNHA, Marcus V. A escola contra a família. In: FARIA FILHO, L; LOPES, E.; VEIGA, C.G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 1. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000. v.1. p.447-568.

DUARTE, Ana F. *Ensaiai a maternidade: estudos sobre o processo de construção dialógica de uma identidade maternal*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Minho, Braga-Portugal, 2009. Disponível em:< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11045/1/Tese.pdf>>. Acesso em: 12 junho 2012.

HAYS, Sharon. *The cultural contradictions of motherhood*. New Haven: Yale University Press, 1996.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

LAHIRE, Bernard. Patrimônio individual de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, problemas e práticas*, Lisboa, n.49, p.11-42, 2005..

LOSACCO, Silvia. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller. (Org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003. p. 63-76.

MAGALDI, Ana M. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

NOGUEIRA, Maria A. A Relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. In: *Caderno de Resumos do Seminário Escola e Modernidades*. Lisboa - Portugal: ICS - Universidade de Lisboa, 2005. v.1. p. 8-8.

NOGUEIRA, Maria A.; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003.

RICCI, Rudá. Vinte anos de educação básica. *Revista Ibero-americana*, n. 31, jan./abr. 2003.

SETTON, Maria da G. J. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.15, n.28, 2010, p. 19-35. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/issue/view/386/showToc>>. Acesso em: 12 junho 2012.

SETTON, Maria da G. J. Um novo capital cultural: predisposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 90, jan./abr. 2005, p.77-105. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 junho 2012.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VITALE, M. A. F. *Vergonha: um estudo em três gerações*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994..